

#cm
2

QUINTA-FEIRA

O menino de **Westeros**

Dexter Sol Ansell, de apenas 11 anos, transforma-se numa das **revelações do ano ao conquistar o público** de "O Cavaleiro dos Sete Reinos". A série derivada de "Game of Thrones", é o **novo êxito da HBO** de 2026. Página 2

Inteligência, carisma e leveza na terra de gelo e fogo

Dexter Soll Ansell arrebatou elogios até de George R. R. Martin para quem o ator 'saltou das páginas' de seu livro

RODRIGO FONSECA*

Especial para o Correio da Manhã

Entre dragões, castelos, cavaleiros e intrigas palacianas, um menino inglês de apenas 11 anos acabou roubando a cena no mais recente fenômeno televisivo da HBO. Impulsionada pelo forte desempenho de audiência de "O Cavaleiro dos Sete Reinos" nas plataformas digitais da emissora e pela repercussão nas redes sociais, a série baseada na obra de George R.R. Martin apresentou ao mundo um novo talento: Dexter Sol Ansell, intérprete do jovem Aegon "Egg" Targaryen.

Num universo que revelou estrelas e transformou atores desconhecidos em celebridades globais desde os tempos de "Game of Thrones", o garoto britânico tornou-se uma das grandes descobertas de 2026. Sua combinação de carisma, espontaneidade e segurança diante das câmeras ajudou a transformar Egg no coração emocional da narrativa, fazendo dele um dos personagens mais queridos pelos fãs da franquia.

"O Cavaleiro dos Sete Reinos" é um conjunto de crônicas de Martin ambientada numa Westeros pacificada num intermezzo entre as violentas lutas de poder que sacudiram o continente entre "A Casa do Dragão", que acaba de estreiar sua terceira e última temporada, e "Game of Thrones".

Nascido em setembro de 2014, em Yorkshire, no norte da Inglaterra, Dexter cresceu cercado por referências artísticas. Filho do cantor Jonathan Ansell, integrante do grupo vocal G4, e da apresentadora Debbie King, ele teve contato com o mundo do entretenimento desde muito cedo. Não demorou para que começasse a frequentar testes e



Divulgação/HBO



Reprodução Instagram

Dexter Soll Ansell e Peter Claffey desenvolveram uma sinergia potente entre seus personagens

Dexter conquistou a simpatia do exigente George R. R. Martin, o autor dos livros da saga



Clayton Felizardo/Brazilnews

A dupla esteve em São Paulo em painel da CCXP 25, em dezembro

gravações, iniciando uma trajetória que hoje o coloca entre as maiores promessas de sua geração.

Os primeiros trabalhos vieram na televisão britânica, com participações em produções como "Emmerdale". O salto internacional aconteceu em 2023, quando interpretou a versão infantil de Coriolanus Snow em "Jogos Vorazes: A Cantiga dos Pássaros e das Serpentes". Apesar do curto tempo em

cena, sua atuação chamou a atenção de produtores e agentes, abrindo portas para projetos cada vez mais ambiciosos.

Em seguida vieram filmes como "The Moor", "Robin and the Hoods" e "Here", dirigido pelo veterano Robert Zemeckis. Mas foi em Westeros que sua carreira encontrou um novo patamar. Em "O Cavaleiro dos Sete Reinos", Dexter vive Egg, um garoto aparentemente humilde

que percorre estradas e torneios ao lado do cavaleiro grandalhão Sor Duncan, interpretado por Peter Claffey. A sinergia e cumplicidade da dupla salta aos olhos. Aos poucos, a trama revela que aquele menino irreverente e curioso esconde uma origem nobre e um destino grandioso. Em dezembro, antes da estreia de "O Cavaleiro dos Sete Reinos", os dois participaram de um painel da CCXP 25, em São paulo,

onde contaram casos de bastidores da série. Aliás, os bastidores são o forme do garoto. Em suas redes sociais, é possível acompanhar momentos engraçados no interbalço das gravações da segunda temporada da atração.

A força do personagem está justamente na humanidade que Ansell consegue transmitir. Em meio a disputas dinásticas e batalhas pelo poder, Egg funciona encarna o elo afetivo da série, oferecendo leveza, inteligência e sensibilidade. O resultado foi uma enxurrada de elogios da crítica especializada e do público, que rapidamente passou a apontá-lo como um dos destaques da produção.

Numa fala colhida pelo site "Awards Radar", Dexter atribuiu o fascínio do personagem à sua perseverança. "Adoro o coração que ele tem. Não importa o que aconteça, se ele cai, volta a levantar-se uma vez, outra vez e mais outra", disse o ator à imprensa internacional. "Ele sempre luta pelo que deseja".

O ator George R. R. Martin elogiou a escalação e a atuação do ator mirim. Depois de uma saraivada de críticas à adaptação da HBO para "Game of Thrones", Martin afirmou que Ansell parece ter "saltado direto das páginas" dos livros. O garoto teve que raspar a cabeça de verdade — uma exigência intransigente do próprio autor — para dar vida ao personagem Egg.

O reconhecimento chegou também nos bastidores da indústria. Neste ano, o ator assinou contrato com a poderosa agência WME, uma das mais importantes de Hollywood, responsável por representar alguns dos maiores nomes do cinema e da televisão. O movimento foi visto como um sinal claro de que o mercado aposta num futuro promissor para o jovem intérprete.

Enquanto a HBO já trabalha nos próximos passos de "O Cavaleiro dos Sete Reinos", que já iniciou as gravações, Dexter prepara novos voos. Entre eles está "500 Miles", longa-metragem atualmente em fase de finalização e que deverá ampliar ainda mais sua visibilidade fora do universo da fantasia.

Para quem começou diante das câmeras ainda criança, a ascensão parece acontecer depressa. Mas basta observar a naturalidade com que ocupa a tela para entender por que tanta gente aposta em seu talento. Em Westeros, onde reis e guerreiros costumam monopolizar as atenções, foi um garoto de sorriso fácil e olhar curioso quem acabou conquistando o trono do público.

*Colaborou Affonso Nunes



Divulgação Amazon Prime Video

A nova temporada segue gravitando em torno da jornada da assassina Suzane von Richthofen (Marina Ruy Barbosa) na prisão

Famosos e encarcerados

AFFONSO NUNES

A Amazon Prime Video anunciou nesta semana o encerramento das filmagens da segunda temporada de “Tremembé”, a série que se tornou a produção de maior audiência na história da plata-

forma no Brasil desde seu lançamento em 2016. Gravada em São Paulo, a produção ficcional continua explorando as histórias reais de condenados por crimes de grande repercussão nacional que convivem na penitenciária de segurança máxima conhecida como “prisão dos famosos”.

A primeira temporada, lançada em outubro de 2025, surpreen-

deu expectativas e conquistou o topo das séries mais assistidas da plataforma, superando produ-

ções anteriores como “Cangaço Novo”. Além de dominar o ranking nacional, “Tremembé” tam-

Amazon Prime Video anuncia fim das filmagens da segunda temporada de ‘Tremembé’, sua produção brasileira de maior sucesso

bém se posicionou entre as séries internacionais mais vistas do Prime Video em 2025, ocupando o 8º lugar no ranking global. A repercussão foi imediata nas redes sociais e na crítica especializada. Nascia um fenômeno de audiência.

A segunda temporada expande o universo da prisão com novos personagens. Giovanna Antonelli integra o elenco como Dominique Scharf, condenada a 58 anos de prisão por roubo, estelionato, fraude e falsificação de documentos. Ícaro Silva e João Vicente Castro também chegam à produção. Marina Ruy Barbosa segue como protagonista, interpretando Suzane von Richthofen, que enfrenta a possibilidade de reintegração social no regime aberto. Elize Matsunaga também busca recomeçar em uma nova profissão, enquanto a ala masculina recebe Thiago Brennand e Robinho, milionários condenados por crimes sexuais que evidenciam contrastes no cotidiano do universo carcerário.

O elenco completo inclui ainda Carol Garcia, Felipe Simas, Kelner Macêdo, Lucas Oradovschi, Bianca Comparato, Anselmo Vasconcelos, Edu Rosa e Leo Moreno. A direção geral fica a cargo de Vera Egito, que também atua como showrunner. O roteiro foi desenvolvido por Juliana Rosenthal, Michelle Ferreira e Ullisses Campbell, baseado no livro “Tremembé: O Presídio dos Famosos”, de Campbell. A produção executiva conta com Manoel Rangel, Egisto Betti, Heitor Dhalia e Ullisses Campbell, enquanto Marina Ruy Barbosa participa como produtora associada. A série é produzida pela Paranoid Filmes para o Amazon MGM Studios.

Esquentando as luvas para o combate

Netflix divulga o trailer de ‘Fúria’, que chega à grade da plataforma no dia 29

A Netflix divulgou nesta quarta (1) o trailer oficial de “Fúria”, série brasileira que estreia no dia 29 de julho e mergulha no universo das artes marciais mistas, o MMA. A produção, dirigida por José Henrique Fonseca (“Bom dia, Verônica”), segue Marcelo, interpretado por Vinícius Neri, um homem encontrado à beira da morte e res-

gatado por um treinador de MMA vivido por Fábio Lago.

Sem memória de quem é, Marcelo recebe um novo nome e propósito: conquistar espaço no mundo das artes marciais mistas. Conforme avança, descobre fragmentos de um passado envolvido em crimes e segredos que ameaçam sua vida e a de seu treinador. A tra-

ma se complica com a chegada de Júnior Malamute, interpretado por MC Cabelinho — faixa-azul de Jiu-Jitsu —, um adversário que coloca à prova os limites de Marcelo dentro e fora do octógono. O elenco reúne Cláudia Raia, Alice Car-

valho, Eduardo Moscovis, Babu Santana, Kelner Macêdo, Camila Damiano e Jonas Ponciano. A série também traz participações especiais de atletas do esporte, incluindo o ex-campeão Anderson Silva. “Fúria” foi criada por Igor Verde

e Gustavo Bragança, com direção geral de José Henrique Fonseca. A produção executiva é de Fernanda Laignier, José Henrique Fonseca e Eduardo Pop. É uma coprodução da Zola Filmes com a Netflix, gravada no Rio de Janeiro. (A. N.)



Divulgação Netflix

Vinícius Neri e Fábio Lago: o lutador e seu treinador e mentor em ‘Fúria’



RODRIGO FONSECA

Definido pelo cançãoeiro popular como “palavra triste”, o verbete “saudades” adquire sentidos novos (e políticos), aproximando-se de substantivos como “resiliência” e do verbo “resistir”, depois dos modos como foi empregado pela 21ª CineOP. Encerrada na terça-feira nas Gerais, ao fim de seis dias de exibições e debates, a maratona cinéfila de Ouro Preto começa a digerir seus feitos – e foram muitos – só agora. Ela se difere dos ritos habituais dos festivais brasileiros (e dos estrangeiros) por se preocupar com o futuro do pretérito (das imagens) e não com os ineditismos clamados pelo mercado.

A preservação e a restauração de filmes em película e o arquivamento (vivo) de criações realizadas em digital é seu foco. É o que temos de mais parecido com o evento europeu Il Cinema Ritrovato, que ocorre em Bolonha, na Itália, para dar voz e vez a manifestações filmicas das primeiras décadas do século XX, ao mesmo passo em que revisita joias recentes, como é o caso de “Crítico” (2008), primeiro longa-metragem do pernambucano Kleber Mendonça Filho, projetado em telas do Velho Mundo na semana passada.

Numa toada similar, a micareta memorial mineira, estruturada por Raquel Hallak na produtora Universo, também abriu tela para títulos bem recentes, ao mesmo tempo em que celebrou os 80 anos de “O Ébrio”, de Gilda de Abreu (1904-1979), com projeção em praça pública, e revisitou um marco feminista, “A Entrevista” (1966), feito há seis décadas por Helena Solberg.

São narrativas que estão na ordem do “pra sempre”, enquanto, na triagem do agora, fez-se um passeio por exercícios autorais recentes do paulista Carlos Adriano, hoje a mais indecifrável esfinge de nosso audiovisual.

“O passado estará sempre grávido de um futuro”, disse o realizador ao Correio da Manhã, logo após projetar a longa-metragem “Proust Palimpsesto: Pastiches e Misturas”, um vicejante ensaio cinepoético a ser lançado pela distribuidora Embaúba, construído a partir do único registro filmado conhecido do escritor Marcel Proust (1871-1922), realizado em 1904.

Em paralelo a essa busca pelo tempo proustiano perdido, a CineOP exibiu ainda um curta desse realizador e ensaísta, que (num bloco do eu sozinho) monta, corrige e mixa o som de suas criações.



Festival dialoga com a riqueza arquitetônica das Gerais, dos resquícios da Inconfidência, para celebrar a preservação

O baile da saudades

Após seis dias de festejo à preservação e à restauração de tesouros das telas, a CineOP fecha uma 21ª edição marcada por curtas impecáveis e longas que desafiam códigos documentais



Rodrigo Fonseca

Fenômeno nacional de bilheteria, 'O Ébrio' (1946) comemorou seus 80 anos na mostra mineira com cópia restaurada

No belíssimo “Sem Título #11: Um Analecto à Mula”, Carlos Adriano parte da obra do poeta cubano José Lezama Lima (1910-1976) e visita o outrora em busca de sensos e sensações que estão no âmbito da eternidade. Para isso, segue uma linha mais próxima dos fractais da matemática do que dos algoritmos de uma prática audiovisual amordaçada às carências do mercado. Seu

processo ganhou fama com o memorável “A Voz e o Vazio: A Vez de Vassourinha” (1998) e com “Santos Dumont Pré-Cineasta?” (2010).

“As imagens, para mim, são ruínas, principalmente na questão do trabalho de arquivo. A coisa com que eu mais gosto de trabalhar são restos, fragmentos. O texto do Proust, mais do que pretexto ou pré-texto, para mim é um prisma, onde



Divulgação

'Vivo 76' mostra como Alceu Valença usou um megafone para promover em Copacabana o show 'Você Danado Pra Catende'

jogo luz, e encontro sentidos que antes não eram perceptíveis”, disse Adriano ao Correio. “Esses sentidos não esgotam”.

Enquanto a dupla expressão do cineasta de SP contagiava Ouro Preto, a cidade usou a sala de projeção de seu Museu da Inconfidência para revisitar um marco (também paulista) da época da Retomada (período de 1995 a 2010, no qual a produção

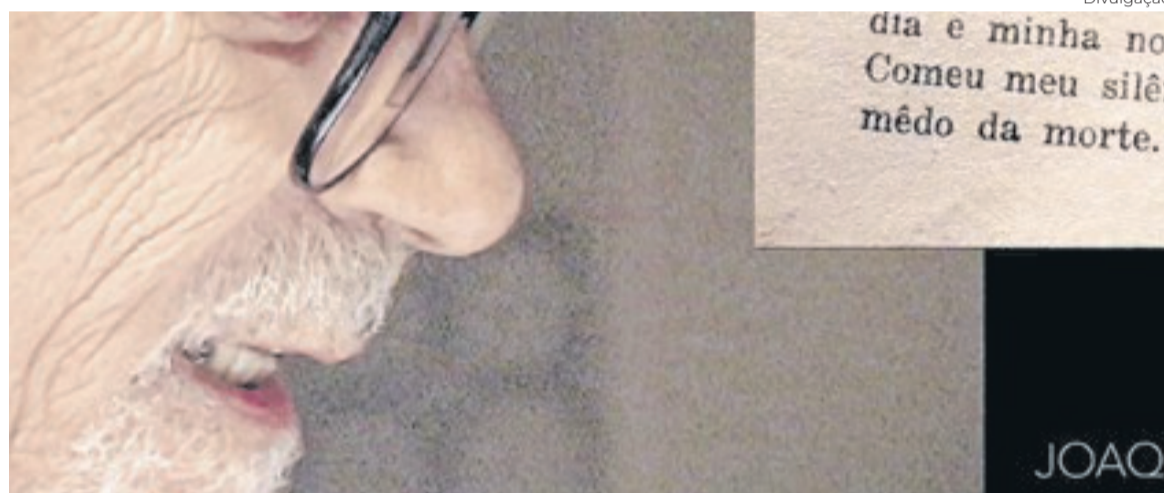
nacional se reinventou com o fim da Embrafilme e a ação da Lei do Audiovisual) repleto de prêmios: “Um Céu de Estrelas” (1996), de Tata Amaral. À sua época, o longa foi precursor na forma de retratar a violência doméstica e o feminicídio, com foco no violento reencontro da cabelereira Dalva (Leona Cavalli) com o ex-noivo chave-de-cadeia Vítor (Paulo Vespúcio Garcia) na



'Helena! Cinema!' mirou Ouro Preto com olhos nos olhos para celebrar Helena Ignez

“As imagens, para mim, são ruínas, principalmente na questão do trabalho de arquivo. A coisa com que eu mais gosto de trabalhar são restos, fragmentos. O texto do Proust, mais do que pretexto ou pré-texto, para mim é um prisma, onde jogo luz, e encontro sentidos que antes não eram perceptíveis”

CARLOS ADRIANO



'Habitar o Tempo' é uma comovente metonímia de Eduardo Coutinho



Projeção da versão restaurada de 'Um Céu De Estrelas' reacendeu debates políticos da Retomada

casinha onde ela vive com a mãe. Em poucas horas, explode o ódio, em sua vertente mais sexista. Pavimentada num texto literário de Fernando Bonassi, Tata registra aquele lar como um microcosmos de desajustes que fervem até estourar aos olhos de uma mídia que canibaliza tragédias.

Num outro espaço, a CineOP serviu de ribalta a um óvni de DNA

pernambucano que se vende como documentário, mas parece uma ficção científica (daquelas que o quadrinista Moebius fazia nas HQs, como "O Rola-Doida" e "Arzach") chamada "Vivo 76". Aparentemente, seria um resgate dos bastidores do LP lançado por Alceu Valença há 50 anos, só que o diretor Lirio Ferreira não se aguentou e, num faniquito de invenção, transformou

em performance (ativa) a massa de recortes de época que tinha e o próprio músico. Faz do rapsodo lisérgico Alceu o seu Major Grubert (o herói psicodélico e psicotrópico de Moebius). O resultado dessa metafísica de Lirio é um bicho indomável que "avoá" nas telas avesso a rótulos. Ou seja: um filmaço.

Sintonizado com as pautas decoloniais, a CineOP buscou um

achado de 2020, que cruzou com as tosses da pandemia, mas sobreviveu a ela: "Chico Rei Entre Nós", de Joyce Prado. A sessão dessa pérola documental épica foi comovedora. Retratada em nosso cinema num cult de 1985 de Walter Lima Jr. que passava até na "Sessão da Tarde" na década de 1980, a história de Galanga - monarca guerreiro do Congo capturado por portugueses e escravizado em Vila Rica -revive no olhar de Joyce como um estudo sobre táticas de inclusão.

Naquela esfera da "saudades" em redescoberta(s) mencionada lá em cima, os curtas da CineOP bailaram nietzscheaneamente felizes, no eterno retorno de figuras preciosas da cultura nacional, como Eduardo Coutinho (1933-2014). Completam-se 50 anos do roteiro mais famoso que esse mito da não ficção escreveu ao longo de uma carreira paralela a seu ofício de documentarista: o script (assinado também por Leopoldo Serran) de "Dona Flor e Seus Dois Maridos" (1976). A love story em trisal entre a quituteira Florípedes (Sonia Braga), o farmacêutico Teodoro (Mauro Mendonça) e o fantasmilha camarada Vadinho (José Wilker) levou 10,7 milhões de pagantes às salas de exibição, sob a direção de Bruno Barreto, e pode ser visto na plataforma MUBI. Não se fala dele, nem se menciona essa efeméride e, tampouco, discute-se o investimento (sazonal) do diretor de "Jogo de Cena" (2007) na ficção em "Habitar o Tempo", curta-metragem com que a diretora Cristiana Grumbach estilhou os corações de Ouro Preto. Nem por isso, a produção deixa de ser um documento precioso sobre Coutinho.

Há mais banzo do que informação no filme de 15 minutos dirigido (na chave da doçura) pela realizadora de "Morro da Conceição" (2005) a partir do resgate dos registros de um encontro com o artesão do real, de quem foi amiga e colaboradora. A sinopse dela até parece poesia (mas seu filme, também): "Lua cheia de maio. Seis amigos. Dois poemas. Uma noite, há 23 anos". Num evento que celebra a recordação e faz da linguagem documental o eixo de sua programação (e de suas reflexões), como é a CineOP, a produção de Cristiana é uma pedra preciosa à altura dos minérios no solo daquele aurífero perímetro das Gerais. E o é sobretudo por celebrar um autor cinematográfico famoso por uma Comédia Humana pautada pela palavra e pela escuta, com títulos como "Edifício Master" (2002) em sua filmografia. Vemos metonímias de Coutinho salpicando a narrativa de "Habitar o Tempo" numa leitura coletiva de poemas de João Cabral de Melo Neto (1920-1999).

Cristiana Grumbach também se faz ver entre esses recortes, assim como outras figuras ligadas às artes e às Ciências Sociais, como Renata Baldi, Eliska Altman, Geraldo Pereira e Fernando Fragozo. Cada qual lê um verso, ou mais de um... Cada verso traz uma prerrogativa suicida

ou analgésica sobre o amor. Estrofe a estrofe, minuto a minuto, um mosaico de sensações forma um colosso sinestésico de catarse e de busca, deflagrando recordações... as de Cristiana e as de quem viu Coutinho em seu devir Paracelso de transformar o chumbo da vida em ouro documental. Há poucos dias, seu longa de maior fama, "Cabra Marcado Para Morrer" (1984), passou pela Austrália, no Festival de Sydney, numa retrospectiva estruturada pelo supracitado Kleber Mendonça Filho, o aclamado diretor de "O Agente Secreto" (2025), sobre brasilidades.

Outro dos deslumbres da seleção de curtas da CineOP 2026 é a viagem que Cavi Borges e Christian Caselli fizeram pelo legado vivo e ativo da atriz e diretora Helena Ignez no ensaio "Helena! Cinema!", que conta com a voz melíflua de Patrícia Niedermeier para representar os fluxos de pensamento e de inquietude da estrela de "A Mulher de Todos" (1969). É um retrato afetivo que foge das imagens mais repetidas que costumam circundar os merecidos tributos a essa multiartista da Bahia. Caselli, que é um dos montadores mais engenhosos do país, funde biopic (épico biográfico) com estéticas do Cinema de Invenção construindo sequências que mais parecem haicais. É um poema sobre uma musa de muitas gerações e de muitas artes, entre o palco de Brecht e o audiovisual de Rogério Sganzerla (1946-2004), seu companheiro de um tudo.

Dos muitos momentos que vão eternizar a CineOP de 2026, poucos carregam uma centelha de luta contra opressões históricas tão forte quanto o discurso de Benedita da Silva resgatado por "Eunice Gutman Tem Histórias", trova filmada que Lucas Vasconcellos fez. Seu foco está na realizadora que é ícone do feminismo em nossas telas. Com linha de cetim, o cineasta alinhava imagens preciosas dos docs que fizeram de Eunice uma referência, ainda ativa.

Em seu adeus, a CineOP foi buscar o ganhador da Mostra de Tiradentes (festival do qual é irmã caçula): "Anistia 79", de Anita Leandro. Professora da Escola de Comunicação (ECO) da UFRJ, a realizadora mineira abriu uma caixa de Pandora que estava fechada há quase 47 anos, com sentimentos, vivências, engasgos e catarses de quem precisou sair do Brasil sob a pressão do regime fardado (de 1964 a 1985). Seu filme encontra registros raríssimos da Conferência Internacional pela Anistia no Brasil, que foi realizada em Roma, em junho de 1979. Foi o maior encontro da esquerda brasileira fora do país. Ali há fatos essenciais para se entender a manutenção do aparato repressivo militar e a impunidade dos torturadores.

Terminada a CineOP, o circuito festivo das Gerais, arquitetado por Raquel Hallak, aquece as turbinas da 20ª CineBH, a caçula dessa trinca de mostras, agendada de 22 a 27 de setembro.

Atriz e cantora se une a músicos da banda de Erasmo Carlos em show totalmente dedicado ao repertório do Tremendão

Malu Rodrigues ativa o modo Jovem Guarda

AFFONSO NUNES

Cria dos musicais, a atriz e cantora Malu Rodrigues sobe ao palco do Manouche nesta quinta (2) para um show que revisita a trajetória de Erasmo Carlos (1941-2022), um monumento da canção popular brasileira. Ao lado da banda que acompanhou o Gigante Gentil durante mais de uma década, ela propõe uma viagem pela Jovem Guarda e pelos sucessos que marcaram gerações.

O espetáculo nasceu de um encontro nos bastidores do filme “Minha Fama de Mau”, biopic do Tremendão estrelada por Chay Suede na qual Malu viveu o papel de Wanderléa. Lá, a artista conheceu os músicos Luiz Lopez (guitarra) e Rike Frainer (bateria), ambos integrantes da banda de Erasmo Carlos. A conexão entre eles, alimentada pela admiração compartilhada pelo universo da Jovem Guarda, evoluiu para uma amizade que agora ganha os pal-



Malu conheceu os músicos da banda de Erasmo durante as filmagens do longa ‘Minha Fama de Mau’

cos. Completam a formação Mario Vitor (guitarra) e Pedro Herzog (baixo), que também tocaram com Erasmo em diversas ocasiões.

Malu é conhecida nacionalmente pela atuação como Maria no musical “A Noviça Rebelde”, onde consolidou sua carreira como atriz. Sua incursão como intérprete neste show marca um encontro entre a atriz e cantora que cresceu com a herança da Jo-

vem Guarda, e a dos músicos que dividiram momentos de palco e estúdio com este ídolo da MPB.

O repertório do show privilegia os clássicos que definiram a Jovem Guarda — movimento encabeçado por Erasmo, Roberto Carlos

e Wanderléa que revolucionou a música brasileira nos anos 1960 — e as canções que Erasmo eternizou ao longo de sua carreira.

Erasmo Carlos deixou um legado que extrapola seus muitos sucessos comerciais, sobretudo nas parcerias com o amigo Roberto Carlos. Sua obra redefiniu o que era possível fazer na música popular brasileira, abrindo caminhos para o rock feito no país.

SERVIÇO

MALU RODRIGUES E BANDA DO TREMENDÃO

Manouche (Rua Jardim Botânico, 983, subsolo da Casa Camolese) | 2/7, às 21h
Ingressos: r\$ 160 e R\$ 80 (meia e ingresso solidário, com doação de 1 quilo de alimento não perecível ou livro)

ROTEIRO MUSICAL

POR AFFONSO NUNES

A autoralidade de Tássia Res chega ao Rio

Helder Fruteira/Divulgação



Tássia Reis apresenta nesta quinta (2), às 19h, no Espaço BNDES, o espetáculo “Topo da Minha Cabeça”. A artista paulista, que completa 11 anos de carreira, tornou-se conhecida por sua atuação no rap. Seu show reúne influências de soul, samba, rap, drill, funk, r&b e jazz sob perspectiva afro-futurista, com canções autorais que refletem temas sociais e existenciais.

RioHarp Festival de volta com recitais gratuitos

Divulgação



O Rio sedia a 21ª edição do Rio Harp Festival de 1º a 31 de julho. O evento oferece 57 concertos gratuitos com participação de aproximadamente 150 músicos e grupos vocais de mais de 20 países dos cinco continentes. A abertura será nesta quinta (2), 18h, no Espaço Cultural Arte Sesc Flamengo com a Orquestra de Gaitas de Foles Brazilian Piper e o harpista e multi-instrumentista Gelton Galvão.

Uma vibe carioca ao vivo na Tijuca

Divulgação



A banda Vibe 021 apresenta o show “Tempo de Recomeçar” nesta quinta (2), às 19h, no Centro da Música Carioca Artur da Távola, na Tijuca. Formado por Alexia Moraes (vocal), Rodrigo Wanderley e Pelu (guitarras) e PV (bateria), o grupo ganhou notoriedade com a série de covers “Vibe Session”. O espetáculo mescla sucessos dos anos 2000 de bandas como For fun e CPM 22 com releituras e canções autorais.

SÓ CARIOQUICES

por FRED SOARES (@FREDAOSOARES)

Alô, Houston! Ninguém segura os meninos do Rio!

Havia um momento em Houston, em que o silêncio do lado verde-amarelo das arquibancadas começou a pesar. O Japão tinha encontrado o seu método: compacto, disciplinado, onze homens fundidos numa muralha que tirava o espaço, tirava o ritmo, tirava quase tudo. A torcida brasileira foi ficando quieta. A japonesa, cada vez mais estridente.

Foi então que Vinícius Júnior se recusou a aceitar os termos daquela negociação. O menino do Porto da Rosa, em São Gonçalo, não tem o hábito de se submeter a qualquer coisa que cheire a derrota. Não é um traço de caráter que se cultiva necessariamente na formação esportiva - é algo que vem de antes, que mora mais fundo. Vem da rua. Da escolinha do Mutuá onde um dia não havia chuteira, e alguém precisou arrumar uma emprestada porque o menino se destacava demais para ficar parado.

Quem cresce numa comunidade carente aprende antes do primeiro drible que nada chega sem luta, que a bola que aparece nos pés pode não voltar, que o espaço que se abre fecha num piscar.

Nesta Copa, quando o Brasil teve campo, Vinícius teve asas. Nas três partidas da fase de grupos, foi o melhor jogador em campo — veloz, imprevisível, incendiário. Contra o Japão, retiraram o espaço livre. Não conseguiram retirar o fogo.

Houve um momento que ficará na memória de quem viu. Com o placar empatado, Vinícius pegou a bola, deu uma caneta no marcador, entrou na área, tocou na saída do goleiro, mas a bola beijou a trave. Caprichosamente. Como se o destino tivesse decidido guardar aquele gol para outro dia. Era, sem sombra de dúvida, o lance mais bonito da Copa até aqui. Um pecado dos deuses do futebol. A bola não entrou, mas a jogada ficou.

O que ele mostrou não foi técnica. Foi algo mais antigo, mais difícil de ensinar. Foi a recusa de se entregar - a mesma recusa que ele carrega desde que chegou à



Reprodução/FIFA

Armando Nogueira dizia que o futebol tem poesia quando existe humanidade em campo

Europa e descobriu que nem lá o deixariam jogar em paz. Vinícius Júnior tornou-se, nos últimos anos, o símbolo mais visível da batalha do futebol negro contra o racismo. Sofreu insultos em estádios da Espanha, foi chamado de macaco em plena La Liga, e em vez de baixar a cabeça, ergueu a voz. Não pediu licença. Exigiu respeito. E continuou fazendo gols.

Há nas veias desse menino um sangue que vem de África - e que aprendeu, por gerações, que a dignidade não se mendiga: se conquista palmo a palmo, dividida a dividida, grito a grito. Essa memória não some quando a conta bancária muda. Ela fica. E nesta segunda-feira, ela estava em campo.

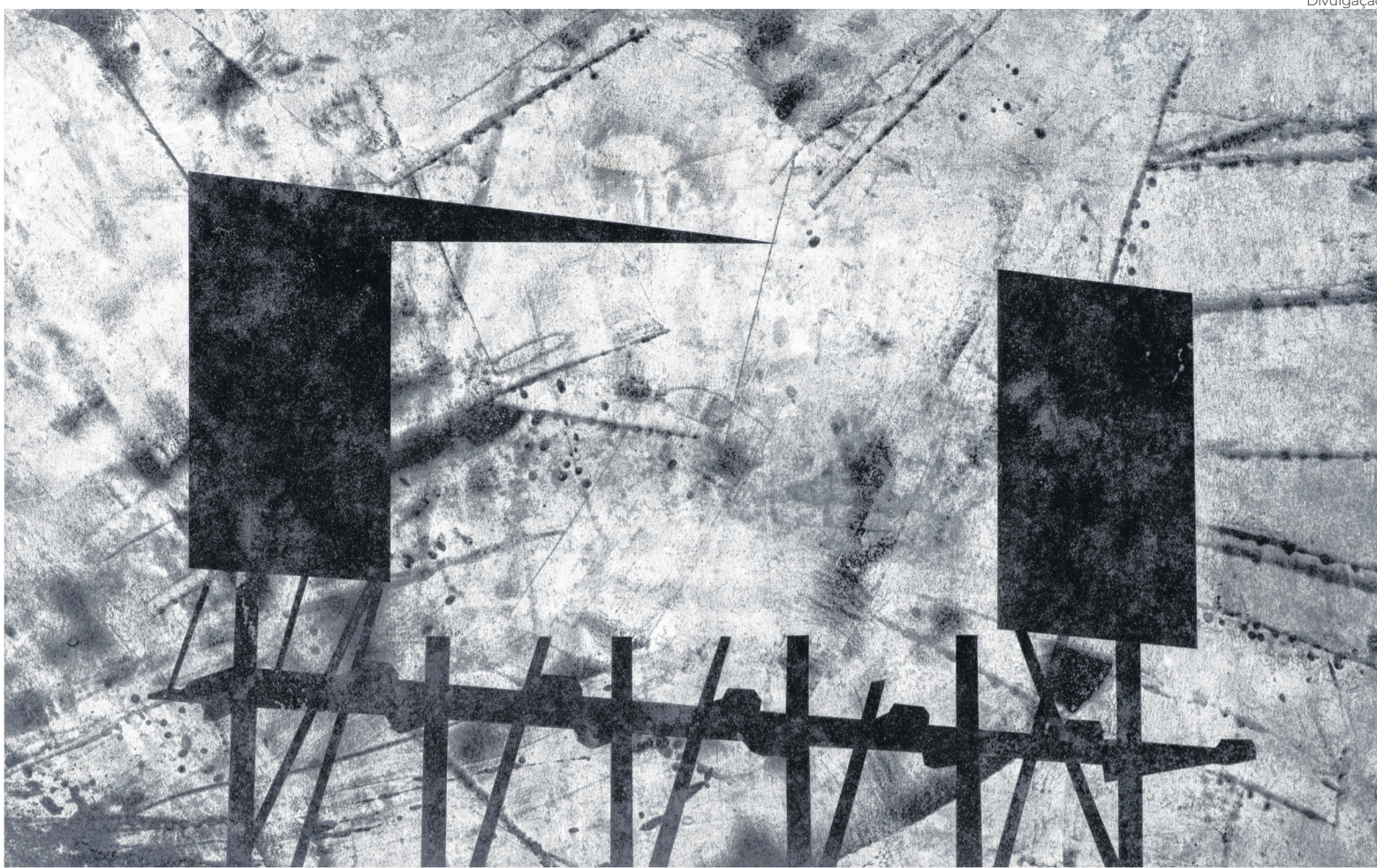
Pertinho dele no gramado, Bruno Guimarães. Nasceu no bairro de São Cristóvão, o mesmo pedaço de Rio que deu ao mundo Ronaldo Fenômeno, filho de um taxista que não tinha dinheiro para a passagem de ônibus até o Flamengo e foi parar no São Cristóvão, o clube, por necessidade. E da necessidade fez história. E também não se entregou quando o Brasil mais precisou. Foi ele quem deu pulso ao meio-campo, quem recuperou, quem empurrou, quem lembrou ao time que se render não é uma opção dispo-

nível para quem vem de onde eles vieram.

Juntos, os dois fizeram algo que vai além do 2 a 1. Foram eles quem primeiro perceberam o que precisava ser feito fora do campo também. Em determinado momento, os dois se voltaram para a torcida brasileira, bateram no peito, agarraram a camisa, chamaram os seus de volta ao jogo. Não era celebração. Era convocação.

Religaram o campo à torcida. Devolveram a energia no momento em que ela estava escorregando. Armando Nogueira dizia que o futebol tem poesia quando existe humanidade em campo. Nesta tarde, havia. Muita.

Se Casemiro foi a resiliência e Martinelli, o herói; Vini e Bruno foram a centelha que reacendeu o fogo brasileiro, e demonstraram, pelas atitudes, que não esqueceram o chão onde aprenderam a andar.



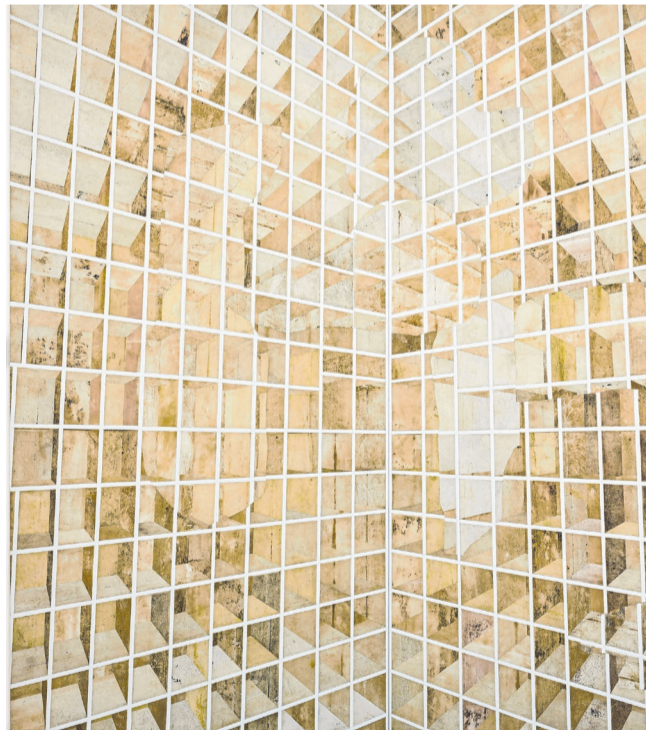
Divulgação



O público verá mais de 60 trabalhos que abrangem a produção do artista do anos 2000 até agora, incluindo trabalhos inéditos

Pequenas reflexões sobre o fazer artístico

Expoente da Geração 80, Daniel Senise abre seu ateliê em série de pinturas experimentais na mostra 'Os dois lados da janela'



AFFONSO NUNES

Daniel Senise, um dos principais nomes da pintura contemporânea brasileira, apresenta uma série de pequenas obras que descortinam os bastidores de seu processo criativo. As “pinturinhas”, como o artista as chama, são experiências desenvolvidas em seu ateliê que revelam a intimidade de quem esteve na vanguarda da Geração 80, movimento que redefiniu a pintura no Brasil durante os anos 1980.

O carioca Senise consolidou sua

carreira explorando a relação entre imagem, espaço e materialidade. Diferentemente de muitos artistas que abandonaram a pintura em favor de outras linguagens, ele manteve o diálogo com a tela como instrumento de investigação. Sua prática, desde o final dos anos 1990, é descrita como “construção de imagens” — um processo que começa com a impressão de texturas de superfícies reais, como pisos de madeira ou paredes de concreto, transferidas para

tecidos e depois para a pintura.

Ter acesso ao laboratório do artista é um dos principais atrativos desta exposição. As pequenas pinturas — geralmente estudos, testes de materiais e explorações formais — raramente são vistas pelo público. Senise trabalha com impressões de ferro, pó, chumbo e outros materiais que deixam marcas na superfície, criando uma pintura que não depende do gesto tradicional do pincel. É uma abordagem que desafia a

noção convencional de pintar.

Acompanhando as obras estão os textos da curadora Pollyana Quintella, descritos como “legendas expandidas”. Essas anotações comentam obras específicas ou o conjunto do ambiente, funcionando como um diálogo crítico que contextualiza as escolhas do artista.

A trajetória de Senise inclui participações em quatro edições da Bienal de São Paulo (1985, 1989,

1998 e 2010), na 2ª Bienal de Havana (1986) e exposições em galerias internacionais como a Nara Roesler, com sedes em São Paulo e Nova York. Seus trabalhos integram coleções de instituições como o Museu de Arte Contemporânea da USP e o Rosewood São Paulo, consolidando seu lugar na história da arte brasileira.

SERVIÇO

OS DOIS LADOS DA JANELA

Paço Imperial (Praça Quinze de Novembro, 48)

De 4/7 a 6/9, de terça a domingo e feriados (12h às 18h) | Grátis